

ANTELO COM LLANSOL

UMA GENEALOGIA ENTRE ARQUIFILOLOGIA E TRANS-HISTÓRIA

Caroline Maria Gurgel D'Ávila
UNIRIO – CAPES

RESUMO: Em desdobramentos espaço-temporais muitas vezes distintos ou até mesmo divergentes, Raúl Antelo e Maria Gabriela Llansol partem de histórias da literatura, não à toa, para pensar a possibilidade de uma política que emerge como modo de ação e visibilidade daquilo que chamaremos os restos da história. Entendendo Antelo e Llansol como leitores ativos de uma modernidade porvir, abrimo-nos à percepção, de que seus textos, mesmo sendo produzidos por dentro do tempo da modernidade, não deixam, também, de operar na desconstrução de seus espaços hegemônicos. Ambos, munindo-se de novos referenciais, contrapõem-se aos modelos dilemáticos de modernidade, interessando-se em compor uma espécie de genealogia subversiva.

PALAVRAS-CHAVE: Raúl Antelo; Maria Gabriela Llansol; Arquifilologia.

ANTELO WITH LLANSOL

A GENEALOGY BETWEEN ARCHIPHILOLOGY AND TRANS-HISTORY

ABSTRACT: In spatio-temporal unfoldings that are often distinct or even divergent, Raúl Antelo and Maria Gabriela Llansol start from stories of literature, not for nothing, to think about the possibility of a policy that emerges as a mode of action and visibility of what we will call the remains of history. Understanding Antelo and Llansol as active readers of a modernist future, we open ourselves to the perception that their texts, even being produced within the time of modernity, do not fail to operate in the deconstruction of their hegemonic spaces. Both, with new references, oppose the dilemmatic models of modernity, interested in composing a kind of subversive genealogy.

KEYWORDS: Raúl Antelo; Maria Gabriela Llansol; Archiphilology.

Caroline Maria Gurgel D'Ávila é mestranda em Memória Social no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

ANTELO COM LLANSOL UMA GENEALOGIA ENTRE ARQUIFILOLOGIA E TRANS-HISTÓRIA

Caroline Maria Gurgel D'Ávila

É nas margens que melhor se realiza a modernidade.

Raúl Antelo, *Ausências*

— Na história, toda repetição é cômica – respondeu-lhe o decapitado.

— Sim, o carnaval da história é tão risível quanto inconsequente.

Maria Gabriela Llansol, *O senhor de herbais*

TRAÇOS DE TEMPO E ESPAÇOS DE ENCONTRO: DOIS ARQUIVOS EM MOVIMENTO

Montamos nossa primeira frase remontando a frase de abertura de *Genealogia do vazio*, texto que integra o livro *Transgressão e modernidade* de Raúl Antelo, publicado pela primeira vez em 2001. Trata-se de uma citação, é Michel Foucault que diz: “[...] la généalogie, c’est l’histoire comme carnaval concerté.” Esta genealogia, ao ser posta em cheque por Antelo¹, vai de encontro à história monumental, pois produzindo-se como “lógica dispersiva” e inscrevendo-se “na ordem do acaso”, faz corroer por dentro certos axiomas históricos. Sob essa perspectiva, em desdobramentos espaço-temporais muitas vezes distintos ou até mesmo divergentes, Raúl Antelo – conceituando metodologicamente a importância da arquivologia para compor pensamento crítico – e Maria Gabriela Llansol – construindo um projeto trans-histórico da história, ou, como apresenta Augusto Joaquim² em *Para onde vamos?*³, escrevendo para colocar problemas à cultura – partem de histórias da literatura, não à toa, para pensar a possibilidade de uma política que emerge como modo de ação e visibilidade daquilo que chamaremos os restos da história e suas genealogias.

De algum modo, e cada qual ao seu, ambos os textos não são outra coisa senão discursos construídos por dentro do tempo da modernidade para desconstruir seus espaços hegemônicos. Entendendo Antelo e Llansol como

¹ ANTELO, Raúl. Genealogia do vazio. In: *Transgressão & Modernidade*. Ponta Grossa: EdUEPG, 2001, p. 25.

² Augusto Joaquim era tradutor, fazia poesia, desenho e colagem, foi companheiro de Llansol e chegou a produzir diversos textos críticos sobre a obra de Maria Gabriela Llansol.

³ JOAQUIM, Augusto. Para onde vamos? In: FENATTI, Maria Carolina (org.). In: *Partilha Incomum: leituras de Maria Gabriela Llansol*. Florianópolis: EdUFSC, 2014.

leitores ativos de uma modernidade porvir, abrimo-nos à percepção de que seus textos, mesmo sendo produzidos por dentro do tempo da modernidade, não deixam, também, de operar na desconstrução de seus espaços hegemônicos. Ambos, munindo-se de novos referenciais – ora europeus, ora latinos; tanto ocidentais quanto orientais –, contrapõem-se aos modelos dilemáticos de modernidade, interessando-se em compor uma espécie de genealogia subversiva, sendo levados a investigar o universo das figuras sem linhagem, dos pontos fora da curva, do não mapeado, dos lindes e limiães. Ou ainda, de toda espécie de contingência que se desdobra através da lógica da emergência ou do aparecimento. Aqui, vislumbramos emergência e aparecimento a partir desse atravessamento e da escuta de convergências e divergências armadas nessa conversa entre o procedimento de Llansol e o pensamento de Antelo, articulando-a ora como uma ideia de comum, ora como política de escrita.

RAÚL ANTELO, ESCRITA E TEXTO

Raúl Antelo⁴ percorre longamente o caminho dos estudos filológicos empenhado em reconstruir e ampliar as experiências de modernidade a partir de uma ideia de tempo. Em *Modernismo, repurificação e lembrança do presente*⁵, por exemplo, o autor aproxima Friedrich Nietzsche e Paolo Virno para articular uma teorização do presente, concebendo-o como um *déjà vu*, um estado de repetição excessiva vinculada à memória que, aos olhos de Walter Benjamin, constituía a imagem mais adequada do mundo contemporâneo e sua experiência de pobreza, ou ainda, a mais autêntica experiência moderna.

Para Antelo, examinar os documentos de um arquivo deveria ser buscar pontos de ruptura do passado e suas alianças anacrônicas – as do tempo-com por excelência – entendendo que um documento do passado não tem origem fixa no tempo, pelo contrário, que seu valor documental só se projeta num cruzamento ambivalente entre tempos, assim, o autor nos apresenta em *Para una archifilologia latino-americana*⁶, “nunca se torna ao passado, senão ao que desse passado aponta para o futuro; quer dizer que a arquifilologia procura, por meios anamnésicos e heterológicos, aquilo do futuro que falta no passado

⁴ Em 1950, nascia em Bueno Aires o crítico cultural contemporâneo Raúl Antelo, que mais tarde, no ano de 1976, viria para o Brasil dar continuidade à sua formação em literatura na Universidade de São Paulo e depois se tornaria professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁵ ANTELO, Raúl. *Modernismo, repurificação e Lembrança do presente*. In: *Ausências*. Florianópolis: Editora da casa, 2009.

⁶ Idem, *Para una archifilologia latino-americana*. *Cuardenos de Literatura*. Vol. XVII, n.33, enero-junio, p. 253-281, 2013.

para poder assim reabrir o arquivo”.

O anacronismo, que em *Tempos de babel: anacronismo e destruição*⁷ é apresentado como procedimento de renovação estética a partir da diferença e do diferimento, quando convocado pelo autor como diretriz metodológica dessa arquivologia reiteram que, na verdade, tempo se define em sintaxe, composição, uso e política, através da montagem ou em função de mesclas e constelações de fatos.

Para escrever outras modernidades, Antelo sublinha, é preciso alguns esforços: partir do zero, lidar com pouco, romper com o mesmo. Seriam esses, também, os indícios para a composição de uma genealogia do subversivo ou, pelo menos, de uma imagem da modernidade que se desenha a partir das margens. Assim, ao pensar a teoria do eterno retorno proposta por Nietzsche, por exemplo, Antelo⁸ não apenas situa-a como “uma teoria estética das margens” ou uma “uma concepção cíclica e pessimista do tempo”, mas aproxima-a de certas correntes orientais do pensamento.

Cada pensamento lido como o próprio giro de um mecanismo complexo de montagem também nos faz aproximar Raúl Antelo de Georges Didi-Huberman⁹, que no confronto com o pensamento de Aby Warburg também se depara com o nome de Friedrich Nietzsche, e assim nos apresenta seu esquema dinâmico entre o tempo e o espaço. Para Nietzsche, pensar o tempo requer observar um campo de forças contraditórias que se fundamenta na ideia de embaralhamento.¹⁰ Essa *zeitlinie* é sempre linha rompida e nunca circular, são traços, são pequenos ou grandes retornos, saltos, acelerações e desacelerações que fazem do movimento a alma de tudo. Assim, o tempo, que não pode ser contínuo, constitui-se através de pontos totalmente diferentes, como pontos do espaço.

Diante dessa possibilidade de tomar o tempo através do espaço, pensamos o gesto imperativo de Antelo, que ao revirar os documentos de um arquivo tenta recuperar lugares esquecidos dando à memória ora a imagem de um ficheiro que se expande infinitamente nesta constelação de pontos do espaço, ora como um ponto *cosmicômico* tal qual nos propõe Ítalo Calvino, a extrema concentração onde cada ponto coincide com todos os pontos de cada um dos

⁷ Idem, *Tempos de Babel: anacronismo e destruição*. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

⁸ ANTELO, Raúl. Modernismo, repurificação e Lembrança do presente. In: *Ausências*, op. cit.

⁹ E quando pontuamos o pensamento de George Didi-Huberman, referimo-nos ao livro *A Imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*, publicado no Brasil pela editora Contratempo no ano de 2013.

¹⁰ Cf. DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

outros num único ponto.¹¹ E se tomamos a história como um estímulo para a memória, uma terceira imagem pode ser projetada a partir de Jean-François Lyotard e sua comparação entre a materialidade da nuvem e a conformação dos pensamentos.¹² Há no humano a necessidade de formular fios narrativos que contam o tempo, uma espécie de paradigma histórico, mas, assim como as nuvens, há uma imaterialidade no pensamento que os faz agir como linhas fractais não mensuráveis, mudando de posição sem cessar ao serem orientados por certos jogos de linguagem. Este jogo sem fim, que só chega a ser interrompido em uma ação arbitrária, é o que o autor descreve como o trabalho da escrita, apenas buscar.

MARIA GABRIELA LLANSOL, ESCRITA E TEXTO

Maria Gabriela Llansol retira do mundo e carrega para dentro do texto uma pergunta: como compor, com a escrita, uma *comunidade de rebeldes*?¹³ O que seria isso? São as figuras desmontando as personagens. São os fragmentos, quebras e cortes desbancando qualquer linearidade cronológica. É o pensamento lido como a construção de um arquivo vivo daquilo que pode ser retido quando a força motriz do movimento escrito é buscar descentramentos, quer da história, quer da cultura ou da linguagem. É o desejo de construir uma comunidade escrita que seja capaz de fundar uma *língua sem impostura* – talvez como a língua das crianças – à margem do sentido e das convenções. É perceber a vida como uma existência no limite do apagamento ou procurar aqueles que existem apenas enquanto espectro. Seu desejo é escrever um texto feito de restos emaranhados em uma mistura heterogênea de ruínas, rastros e vestígios, texto todo feito de fragmentos e desfeito do tempo enquanto fio condutor.

No pensamento de Llansol, tempo também é ponte estendida sobre o espaço.¹⁴ E diante desta percepção, são as palavras – seja enquanto ampliação espacial do pensamento ou como criação de cosmogonias textuais – que exercem primazia sobre as histórias e as narrativas. Esse fio que conduz o texto passa a ser uma “lógica dos encontros”¹⁵ de seres, lugares e palavras,

¹¹ CALVINO, Ítalo. *Todas as cosmicômicas*. Trad. Ivo Barroso e Roberta Barni. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

¹² LYOTARD, Jean-François. *Nuvens*. In: *Peregrinações: lei, forma, acontecimento*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

¹³ Escritora portuguesa de gênero inclassificável viveu entre 1931 e 2008, dos quais 20 anos foram passados em exílio na Bélgica.

¹⁴ LLANSOL, Maria Gabriela. *Inquérito às quatro confidências: Diário III*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

¹⁵ *Ibidem*, p. 23

quando cada uma delas pode ser uma força impulsiva que guarda um extrato de tempo ou um acontecimento. Outro fio condutor poderia ser, também, a abolição completa do que ela chama os “efeitos do poder” – o rompimento justo com instituições, categorias e saberes, quando estes ocupam o lugar de mediador das relações entre as pessoas.

Se podemos dizer que cada língua tem suas necessidades históricas e semânticas, e neste contexto, tem também uma herança cultural, com Maria Gabriela Llansol aprendemos a receber da língua “certas dobras quase gastas e apagadas de acontecimentos históricos”¹⁶, e a engendrar, com a escrita, a presentificação das coisas. É aí que está a potência de arquivamento, pois o que interessa nesse gesto de escrever é a repetição dos estados momentâneos e o acúmulo de incontáveis presentes em constante metamorfose. A escrita acontece “para que, de fato, a experiência do tempo possa ser absorvida”¹⁷, e é por pretender absorver o tempo que seu texto desdobra-se como um espaço, o que coloca em cheque o conceito de história.

Em um fragmento escrito no diário *Inquérito às quatro confidências*¹⁸ em 22 de agosto de 1994, Llansol refere-se diretamente à sétima tese sobre o conceito de história de Walter Benjamin, escrita em 1940, quando relembra a passagem: “é preciso escovar a história a contrapelo” e preparar outro tipo de investigador historicista, um que seja capaz de renegar as heranças óbvias e olhar com os mesmos olhos para vencedores e perdedores; é esta uma das proposições do materialismo histórico de Benjamin¹⁹ revista pela escritora. Ler a história da cultura nessa chave crítica promove, pouco a pouco, os encontros entre Maria Gabriela Llansol e as figuras rebeldes.

Assim, ela elege a escrita como um lugar fundamentalmente movediço para a habitação desses *rebeldes* e partindo de uma via à deriva, nos propõe livrar a linguagem dos lugares-comuns instituídos pela história, algo que o crítico literário João Barreto, atual detentor do espólio literário de Llansol, nomeia, em *Europa em Sobreimpressão*, publicado em Portugal em 2011, como um projeto trans-histórico da história. Para ele, Llansol acredita que o ciclo da história não está concluído e que ainda é possível reescrever-lhe um novo sentido, pois, na verdade, de muito pouco adianta a um escritor conhecer presente, passado e futuro, pois o que um texto exige de quem o escreve é “um

¹⁶ LLANSOL, Maria Gabriela. *Final: Diário II*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 29.

¹⁷ Idem, *Inquérito às quatro confidências: Diário III*, op. cit.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

olhar que toca sobretudo o espaço, livre de tempo”.²⁰

A implicação política fundamental envolvida neste procedimento é abolir a vinculação da história ao tempo linear dos acontecimentos, desconstruir as séries lógicas e elaborar estratégias para escapar a todo dogmatismo. De fragmento em fragmento, a montagem do arquivo num território de múltiplos tempos, ou, no procedimento da sobreimpressão.

Não se trata de apontar o tempo consagrado da memória, mas vasculhar quais seus lugares em disputa e reescrever a história a partir do litoral. Suas incursões na história são mais projetivas do que retrospectivas, é a memória conduzindo mais que a própria história. Constitui o próprio método dessa escrita ler aquilo que não foi escrito, seguir o rastro de uma contracultura europeia.

OS RESTOS E SUAS GENEALOGIAS

A cada vez em que remonta uma ideia de modernismo, sempre seguindo as pistas de um arquivo, Raúl Antelo arma operações sinuosas entre autores em séries imprevistas. Há nesse procedimento uma espécie de contive, pois se torna visível, para nós leitores, a urgência de dessa busca por novas genealogias para o conceito de modernidade. É o que Maria Lúcia de Barros Camargo²¹ destaca ao fazer a apresentação do livro *Ausências*, que nesse esforço de Antelo em desentranhar novas genealogias está contido um gesto radical, a afirmação de que “é nas margens que melhor se realiza a modernidade”, ou, de que são nas relações insuspeitadas, produzidas através de estranhamento e surpresa, que certas conexões históricas da cultura podem ser ora demonstradas, ora desmontadas.

Escrevendo junto à Walter Benjamin, há um termo que Antelo associa ao tempo do eterno retorno, tendo em vista seu procedimento cíclico, a obnubilação ganha do autor a definição de um “movimento basculante entre realidade e ilusão, natureza e técnica, início e fim.”²² Sendo algo “parcialmente memorioso, parcialmente desmemoriado”²³, a obnubilação trata de aproximar rememoração e releitura a partir do diferimento como um efeito do tempo para reler a cultura da modernidade e redescobri-la no presente. Este

²⁰ LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho: Diário I*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 123.

²¹ CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Presenças. In: ANTELO, Raúl. Modernismo, repurificação e lembrança do presente. In: *Ausências*. op. cit.

²² ANTELO, Raúl. Modernismo, repurificação e lembrança do presente. In: *Ausências*. op. cit., p. 100.

²³ Ibidem, p. 119.

modo de leitura operado por Antelo nos permitem pensar e compor o que o próprio denomina como ficção crítica. Por que dar a um modo de leitura tão empenhado em desvendar acontecimentos e interconectá-los o nome de ficção? Seria, talvez, pelo modo aparentemente disparado de olhar a história, ou, como nos diz o autor, pela recolha e apresentação do que ficou “abandonado em algum ponto da história”.²⁴ O essencial é saber que a partir dessas imagens ficcionais, por assim dizer, é que se produz o que Antelo conceitua como presente, como a possibilidade de sentir-se estranho na própria história, e assim Antelo reitera a condição contraditória do mundo moderno quando nos diz: “[...] o antigo ainda é o que fornece as condições de possibilidade para o mundo moderno.”²⁵ Entrevemos o ponto de alcance desse pensamento em notas de rodapé²⁶, “não há verdade por debaixo dessa ficção”, ou mesmo, se há sempre mais de uma via para se chegar a mesma conclusão, na realidade, a imagem de modernidade que podemos intuir é a de “um indefinido movimento em direção ao movimento”²⁷, olhar para os variados pontos que convergem em nome da modernização é estudar os processos pelos quais se constitui o que nomeamos de civilização.

Assim se defende, tanto em Antelo como em Llansol que do auge de nosso pensamento moderno possamos voltar os olhos, com o mesmo vigor com que olhamos o presente, para outras paragens e distâncias – sejam elas o oriente, como faz Raúl Antelo em uma de suas análises sobre o modernismo brasileiro ao dizer: “oriente é o hiato temporal instalado no coração do instante-já”²⁸, sejam elas a Idade Média como faz Llansol em múltiplos momentos de sua obra.

Posto que para Llansol, como afirma João Barrento²⁹, um de seus leitores mais dedicados, a escrita também está apoiada sobre um projeto de releitura da modernidade. O que também é afirmado por outro leitor ainda mais atento de seu texto, Augusto Joaquim³⁰ em *Para onde vamos?* diz que essa escrita co-

²⁴ Ibidem, p. 5.

²⁵ Ibidem, p. 108.

²⁶ A nota de rodapé em questão está no artigo Modernismo, repurificação e lembrança do presente, na página 113 do livro *Ausências*, editado e publicado pela Editora da Casa em 2009 e faz referência a um texto de Josefina Ludmer.

²⁷ Ibidem, p. 115.

²⁸ ANTELO, Raúl. Modernismo, repurificação e lembrança do presente. In: *Ausências*. op. cit., p.112-113.

²⁹ BARRENTO, João (org.). *Europa em sobreimpressão: Llansol e as dobras da história*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.

³⁰ Augusto Joaquim foi companheiro de Llansol. Era tradutor, fazia poesia, desenho e colagem. Ele chegou a produzir diversos textos críticos sobre a obra de Maria Gabriela Llansol.

loca problemas à cultura, especialmente à cultura portuguesa, mas também é uma questão colocada ao moderno e à modernidade. O caminho que vai tomar a transmissão da cultura, é justamente em torno dessa questão que João Barreto nos faz perceber que ninguém ainda compreendeu qual é o seu lugar na cultura, neste sentido, o que Llansol tenta construir é uma contra-visão da história, rompendo com todo absolutismo ou com uma espécie de “narcisismo” ocidental. Seria, então, um desejo de reformular o projeto humano para além da história como ontologia *a-histórica*. Este projeto trans-histórico da história, que começou a ser escrito pela autora nos anos 1970 e sobre o qual toda a sua trajetória de escrita esteve empenhada, conta histórias de encontros imaginários de confrontação. As histórias desses encontros de figuras semelhantes na diferença seria também um modo, distinto do projetado por Antelo e outros, de compor uma espécie de genealogia da subversão.

Essa linhagem dos perdedores da história rerepresentada ao mundo por sua escrita é composta, na verdade, de visionários reprimidos por toda espécie de poder. Sua escrita seria, então, a das histórias dos desastres dos tempos modernos. Esse esforço de contradizer a história hegemônica europeia e reinventar outra Europa, outro mundo, a partir do modo como olhamos e nos relacionamos com tudo que está à nossa volta, buscando, dentro da linguagem, uma língua que desarticule ou que se recuse a aceitar as formas de saber que cristalizam a vida nos mecanismos de instituição social. E aqui estendemos um arco que nos liga a Antelo, escovar a história à contrapelo, imagem tão cara não só a Walter Benjamin, seria o mesmo que desdatá-la, e, por isso mesmo, nossa tarefa não seria ler e reler os textos históricos, mas “confrontá-los, consulta-los e percorrê-los”. Percorrê-los dando lhes o devido espaçamento. A escrita torna-se um espaço onde pedaços dispersos de tudo podem ser vistos lado a lado. Trata-se de “uma leitura à *rebours* de uma história problemática, desconstrói-a para a fazer emergir com novos contornos ucrônicos, eudonistas e radicais, como eco de uma redenção possível, vindo do futuro contido nesse mesmo passado histórico”³¹ não se trata de mera representação do que está contido nos armazéns do passado, mas de uma memória própria que surti por dentro da escrita criando espaços para o possível.

Para João Barreto o texto de Llansol não é linear, mas também não chega a ser anacrônico, no entanto, o aspecto mais importante de seus comentários para nós é o entendimento de que na escrita de Llansol não se trata de formu-

³¹ BARRENTO, João (org.). *Europa em sobreimpressão: Llansol e as dobras da história*, op. cit., p. 96.

lar hipóteses para uma história que não houve, mas de promover encontros espectrais entre figuras históricas que habitam distintos tempos e espaços. Llansol³² diz que o ciclo da história não está concluído, que ainda há tempo para voltar ao seu começo e reescrever-lhe um novo sentido, assim a história seria para ela esse lugar de recorrência de onde se irradiam tramas sólidas de geografias espirituais.

Quando impresso é aquilo que fica inscrito nos corpos, aquilo que deixa marca, a sobreimpressão nos daria pista de certa simultaneidade de marcações promovida pelos acontecimentos ao qual está exposto um corpo no mundo. Para Llansol³³ os espaços estão impregnados do que ela chama “um tempo revelador”. Por exemplo, cada texto convoca todos os outros textos, mobilizando, com o texto e a partir do texto, todos os materiais oferecidos pelo mundo – um lugar, um autor lido, uma cena cotidiana, uma imagem, uma lembrança, um pensamento, pois se trata sempre de um lugar e um pensamento simultaneamente, a esse procedimento ela dá o nome de sobreimpressão. Em outro procedimento que ela nomeia como *eterno retorno do mútuo*, sua apropriação metamórfica de Nietzsche, talvez se explicita de modo sutil o quanto é preciso esquecer para que se possa reencontrar.

³² LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais, drama-poesia?* Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000.

³³ Idem, *Livros de horas II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.



Recebido em 11 de abril de 2018
Aceito em 17 de julho de 2018